

RESENHA

FARINELLI, Franco. **A invenção da terra**. Tradução: Francisco Degani. São Paulo: Editora Phoebus, 2013.

Licio Caetano do Rego Monteiro¹

A Terra em busca de uma prateleira

O livro de Farinelli se destaca como uma das publicações mais bem-vindas à Geografia dos últimos anos.

Todos os geógrafos e estudantes que frequentam livrarias já devem ter se incomodado com o lugar ocupado pela prateleira de Geografia – quando ela existe. Às vezes no canto da longa estante de História, outras entre livros de Ecologia e de ciências naturais; quando não em algum lugar entre Autoajuda e Esotéricos, Filosofia e História, Antropologia e Sociologia, ou ainda, ciências sociais, política, Economia. Enfim, em cada uma dessas prateleiras são encontrados com destaque vários clássicos, autores reconhecidos em suas áreas e livros de interesse do grande público. Qualquer geógrafo que se aproxime da badalação editorial rapidamente migra da prateleira de Geografia para as de maior destaque nas ciências humanas, é o caso do David Harvey - que já ganha uma pilha só dele na Livraria da Travessa da Rua 7 de Setembro, no Centro do Rio. Na Leonardo Da Vinci a Geografia ocupa uma prateleira menor do que a dedicada a alguns filósofos ou a temas da Sociologia. E em sebos é muito comum encontrarmos livros teóricos de Geografia perdidos entre livros didáticos – só assim pude comprar a edição portuguesa de

¹ Mestre e doutor em Geografia pela UFRJ e pesquisador do Grupo Retis (UFRJ). Professor de Geografia Humana da Universidade Federal Fluminense (IEAR/UFF). Contato: licioaetano@gmail.com.

1953 de *Princípios da Geografia Humana*, de Vidal de La Blache, por apenas 10 reais - como se fosse um livro didático ultrapassado.

O livro de Farinelli não consegue por si só reverter esse quadro, mas indica um caminho possível à literatura científica na Geografia, pois coloca em contato o restrito alcance da Geografia acadêmica e o horizonte que se amplia com o interesse difuso pela Terra na contemporaneidade.

A Terra, que fora estabilizada pelos sucessos definitivos da Cosmografia no século XVII, adentra uma nova zona de turbulência em sua história geológica e cartográfica. O que havia se tornado um objeto inerte, mero palco da ação humana que de forma triunfal superava a pré-história de sua existência terrestre, passa agora a ser visto como um produto da interação homem/mundo - objeto de uma cosmopolítica que irrompe nas fendas tectônicas do impacto humano sobre o globo. Ao desestabilizar o sentido cristalizado na concepção moderna de Terra, a época atual permite uma visão retrospectiva mais rica sobre a relação homem/mundo/Terra. Em vez de um progresso unívoco em direção à conquista de uma visão científica da Terra, Farinelli alarga o horizonte temporal e caminha entre cosmogonias, cosmologias e cosmografias que revelam o caráter inventivo e multifacetado do pensamento ocidental sobre a Terra em diferentes momentos.

A invenção de uma imagem do mundo/Terra não foi exclusiva da Geografia, nem da moderna tampouco da que nasce com os gregos na Antiguidade. Essa invenção envolveu mito, filosofia e ciência ultrapassando o âmbito comum dos geógrafos. O horizonte ampliado da questão, porém, não a torna necessariamente menos geográfica – pelo contrário, talvez torne um pouco mais geógrafos os tantos pensadores que escreveram sobre o assunto.

Duas ideias guiam a abordagem do texto. A primeira é a relação entre o mundo plano e o globo terrestre: como conciliar a experiência imediata do mundo plano e a concepção abstrata do mundo redondo? Esse problema existencial se expressa também como um problema cartográfico. Se o sentido mais óbvio da história da ciência privilegia a conquista do mundo redondo como um dos progressos científicos mais notáveis do Renascimento, a leitura arguta de Farinelli mostra o outro lado do problema: como retornar ao mundo plano a partir da abstração global do mundo redondo. Esta passagem do plano ao globo, e vice-versa, se desdobra em episódios prosaicos, através de relações às vezes arbitrárias baseada em detalhes improváveis de narrativas literárias e filosóficas.

A segunda ideia é a de que a Terra é inventada antes de ser conhecida. O modelo precede o real, pois condiciona a própria apreensão do real. A afirmação de Baudrillard de que o mapa precede o território na pós-modernidade é questionada pelos diferentes momentos da história em que o mapa precedeu o território, desde Anaximandro a Kant, passando por Cristóvão Colombo.

Não são duas ideias propriamente novas, embora estejam longe de ser banais. Farinelli inova justamente na maneira peculiar de rerepresentá-las, quebrando uma

visão tradicionalmente estabilizada sobre o que é a Terra. Por isso surpreende tanto o geógrafo quanto o curioso *flâneur* de livrarias.

Farinelli transita com desenvoltura num quadro intelectual assumidamente ocidental, europeu e, em várias partes, com um traço italiano quase localista, recriando uma cosmovisão marcada por essa parcialidade, mas nem por isso menos interessante. Ao lado de referências da história ocidental já bastante conhecidas - e umas poucas intrusões exóticas - como o Enuma Elish babilônico, um mito hindu e a figura do matemático Mahavira -, o autor acrescenta referências tipicamente italianas, fazendo com que a história da invenção da Terra passe pela Itália em vários episódios, como que acentuando o caráter parcial e localizado de sua narrativa. Acrescenta-se ainda que as dezenas de personagens históricos e fictícios citados são homens, com exceção de Salomé – uma mulher que entrega a cabeça de um homem numa bandeja.

A inovação de Farinelli tem a ver com a estrutura e a forma da narrativa. É uma escrita imagética e espacial, pois não extrai conclusões a partir da sucessão causal de fatos, mas da descrição dos elementos coexistentes em cada cena. A narrativa espacializada de cada capítulo se encadeia numa sequência temporal ao longo dos vinte capítulos, da criação do mundo à globalização contemporânea, em idas, vindas, saltos e esquecimentos propositais. A imagem conduz ao conceito, mas sem explicá-lo. É a sensibilidade diante de imagens fortes que antecipa a compreensão do texto, antes mesmo de o sentido se completar num raciocínio mais estruturado. Para entender o que se diz é preciso ser exposto sensivelmente ao impacto de imagens como: um peixe que cospe, uma cabeça exposta numa bandeja, uma artimanha de Michelangelo, o sacrilégio de Anaximandro, uma tartaruga que sustenta a Terra se apoiando num elefante, a pedra lançada ao mar pelo ciclope Polifemo, os significados do abismo, uma ciranda de crianças, os tambores tribais eletromagnéticos de McLuhan, a Utopia de More como um mapa habitado, o ovo de Brunelleschi creditado a Colombo, os videoclipes dos Beatles, as fotografias dos irmãos Alinari, o fascínio da serpente com chocalho, dentre tantas outras.

Ao mobilizar tantas imagens para a construção de uma narrativa, Farinelli não deixa referências explícitas de pé de página interrompendo a leitura fluida, o que pode irritar alguns leitores. Farinelli cita autores diretamente, mas também os interpreta livremente, usando esse recurso de forma intencional. Não tem compromisso com preciosismos historiográficos, somente com sua narrativa singular. Chega mesmo a inventar personagens, como o filósofo, o historiador da ciência e o geógrafo que dialogam sobre a *Divina Comédia* no primeiro capítulo. Só um leitor mal-humorado seria capaz de se perguntar quem é o filósofo que Farinelli cita ao falar de “um filósofo”, ou qual versão da Bíblia ele usou para extrair a ideia de que o firmamento era um plano. Para quem só é capaz de ler um livro com a finalidade de encontrar respostas convincentes e articuladas *A Invenção da Terra* não é a melhor leitura.

Voltando às estantes coloridas das livrarias, foi numa dessas prateleiras de Geografia que encontrei o pequeno livro de Farinelli. A desconfiança logo me bateu. O livro parecia cativante, com uma editoração pouco usual em livros de Geografia, ou seja, era tão interessante que nem parecia um livro de Geografia. Ao mesmo tempo fora ali colocado como que para ser esquecido, pois não figurava nos stands de livros de ciências humanas ávidos para o consumo da intelectualidade mais ilustrada das outras áreas de conhecimento ou dos *flanêurs* de livrarias. O encontro inesperado diante da prateleira e depois das páginas abertas me trouxe então um alento: será possível recolocarmos a Geografia na emergente discussão sobre a Terra? Será possível produzir livros geográficos bons de serem lidos por todos? Será possível uma maior generosidade dos livreiros e editores com as prateleiras de Geografia?